

“QUIEN MIRA FIJO DENTRO DE UN ABISMO, EL ABISMO TAMBIEN VE DENTRO SUYO”...^{1*}

*AAAna Noemi Berezin***

*“Llegar a no tener miedo,
esta es la meta última del hombre.”*

Ítalo Calvino

Repetidas vezes, ao longo deste século, algumas interrogações alcançaram sua máxima exasperação. Diversos fatos históricos suscitavam, no seu decurso, uma pergunta: Quem somos?

Pergunta que fazemos e que impõe outras, já que a mesma se formula a partir da realidade do terror e da crueldade que aconteceu e acontece neste século.

Sabemos que não é algo novo, percorre a história humana, mas neste final de século retorna ansiosamente, porque este século nasceu com a esperança de que a razão e o progresso nos fariam mais éticos, mais solidários, mais humanos. E o progresso também se estendeu à técnica do terror.

Não defendo aqui o mito de um passado anterior a 1914, de um mundo mais civilizado ou mais articulado. Os movimentos da história escondem, muitas vezes, em seus relatos, sagas ou historicidades, os desdobramentos do terror e da crueldade, deixando transparecer somente mitos de um passado mais benévolo.

Mas este século, insisto, foi e é no ápice da razão civilizadora o século mais cruel, utilizando a técnica científica e o saber acumulado para tais atos. O que foi que não pudemos perceber em nós mesmos? Como explicar a crueldade e horror?

Cena I

Uma menina de sete anos corre, de madrugada, do seu quarto ao quarto de seus pais.

Está angustiada, grita, chora. Abraçada a sua mãe pergunta: por que nascemos, se vamos morrer? A mãe responde a partir de suas próprias perguntas acerca da condição mortal dos homens. Intenta afirmar o valor da vida e a distância que esse valor abre frente à realidade da morte. A menina segue gritando: “Diga-me outra coisa, isso não me acalma”... Não há outra resposta; acabam brincando na água da banheira como busca de sossego.

Cena II

No filme “A noite de São Lourenço” dirigido pelos irmãos Taviani, um adolescente italiano de uns 14 anos, num pequeno povoado ocupado pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, pratica - sob as ordens, dentre outros, de seu pai colaboracionista - os atos mais cruéis contra seus vizinhos. Quando é aprisionado pelos

militantes da Resistência sofre um ataque de pânico. Grita, se retorce, se agita, se “desmancha” em dor. Agora é ele quem está enfrentando seu próprio terror, antes havia praticado atos para que seu próprio terror fosse sofrido pelos outros e não por ele.

Estas duas cenas, uma num contexto micro-histórico e outra num contexto macro-histórico, expressam, de algum modo, antigas e atuais problemáticas humanas: a existência da morte, o desamparo, a vulnerabilidade, o medo...

Expressam também as formas mais ou menos precárias de encontrar saída tentadas pelos homens. Algumas saídas construtivas de afirmação da vida, e outras terríveis e cruéis.

As vezes me pergunto: como pode ser que milhares de homens e mulheres realizem (executem, apóiem ou consintam) atos cruéis individual e coletivamente? Que mola da subjetividade de cada um dos que participam foi mobilizado? Que potencialidade latente é ativada na profundidade do seu ser e do seu ser com os outros?

Como se pode observar, só abordarei a dimensão psíquica, para aportar uma inteligência maior, tendo presente que estou fazendo um recorte e que não pretendo explicar o todo de uma complexidade maiúscula².

Parte I

Durante todas estas décadas, desde o surgimento da psicanálise, os psicanalistas nos centramos - em nossas apreciações sobre a vida psíquica - na configuração do desejo, conflito fundante de diversos percalços. Percalços imaginários e simbólicos nos estados de encontro de cada subjetividade com os outros e com o mundo. Diversos modos de conflito inconsciente no eixo da complexidade do aparato psíquico em seu conjunto. Potencialidade da outra cena nos diferentes modos de cumprimento do desejo desde sua expressividade sublimatória até a sintomática neurótica, psicótica e perversa.

Parece-me que “esquecemos” ou reprimimos a confrontação com a problemática da crueldade, ou que respondemos muito “rapidamente” apelando à pulsão de morte ou a pulsões destrutivas inerentes ou essenciais à condição humana.

Eu tento questionar o caráter explicativo desta “naturalidade” ou desta essência que, ao menos para mim, e creio que a muitos mais, nos deixa insatisfeitos ou pelo menos com as mesmas perguntas³.

Parte II

Freud explica como no início da vida vão se constituindo as representações psíquicas. Ou seja, como se inscreve psiquicamente o perceptivo-sensorial proveniente do encontro com a psique-corpo materno e proveniente do próprio corpo. Corpos que portam as marcas da memória vivida das gerações sucessivas e atuais. Gestualidades libidinais e simbólicas dos tempos, sinais do recordado e do esquecido.



Eu coloco uma terceira vivência inaugural: a vivência de desamparo, que passarei a descrever.

Nas variações dos diferentes modos de sustentação psíquico (e físico) materno, o bebê percebe e sente os estímulos de não-sustentação materna. Ditas percepções se inscrevem no Registro Originário⁴ como representações pictográficas, mas que no caso da vivência de desamparo são representações iconográficas. Os modos de descarga de ditas representações são: 1) descargas motrizes facilmente observáveis (agitação, temor, grito, pranto sem motivo, nem fome nem dor); 2) descargas afetivas (transbordação de angústia, pânico ou As representações pictográficas se forjam nas vivências de satisfação-dor, e se caracterizam pela presença de uma zona-objeto complementar: boca-seio, figura da oralidade que assinala a centralidade libidinal do primeiro encontro psique-mundo, no qual se efetivam os afetos de prazer e desprazer. Centralidade libidinal que é condição para seguir investindo o trabalho psíquico para a vida. Sobre o fundo libidinal de um “mínimo prazer necessário” e de um “mínimo desprazer necessário” se debate a psique para sustentar o desejo de viver.

Na vivência de desamparo, a zona-objeto complementar é o corpo/psique do bebê-corpo/psique materno. A representação que este encontro forja é uma representação iconográfica.

O ícone, segundo Ch. Peirce, é “o que exhibe a mesma qualidade ou a mesma configuração de qualidades que o objeto denotado (por exemplo: uma mancha negra por uma cor negra)”. Reproduz ou copia as relações entre as diferentes qualidades do objeto.



Em dita representação iconográfica, fica abarcada a qualidade perceptual do objeto (queda da sustentação psíquica do outro), semelhante à qualidade sentida no corpo-psique do bebê (terror ou pânico). Quando me refiro à queda da sustentação psíquica materna, devo estabelecer desde as “ausências” e as variações de prazer-desprazer-terror esperáveis em qualquer outro, e que me permite generalizar esta vivência até a queda da sustentação psíquica, mantido o predominante de ausência, desprazer, privação, desconexão, etc.; da mãe. Diversos modos de “queda”

emocional persistente e/ou predominante, com o risco de graves consequências já conhecidas, para o bebê, como por exemplo no autismo precoce.

A inscrição da vivência de desamparo no Registro Originário (momento de indiferenciação eu - não eu) junto às vivências de satisfação formam uma tríade de afetos e representações que abrangem o prazer, o desprazer e o terror. Configurações patrimoniais da vida psíquica.

Estou estabelecendo uma dinâmica complexa de afetos e representações, que tecem uma conflitividade entre desejo e desamparo. Esta trama complexa deve ser considerada na estruturação do narcisismo, na possibilidade de preservar-se a si mesmo, do qual deriva - como sabemos - a possibilidade de preservar aos outros, assim como sabemos que ambos os termos jogam em uma relação dialética.

Da intensidade, frequência e dos modos de tramitação psíquica da vivência de desamparo depende em grande medida, o potencial de efetividade cruel sobre si mesmo e sobre os outros. O terror que a psique padece nos estados de desamparo é expulso para fora da psique, até um si mesmo dissociado e/ou até os outros, através dos atos cruéis

Crueldade em relação a um si mesmo dissociado, como, por exemplo, em certas crises psicóticas. Todos nós que temos presenciado a angústia catastrófica e o pânico de tais crises, sabemos do terror que compartilhamos com aqueles que as sofrem. O pânico e o terror os transborda, e em muitas ocasiões as mesmas culminam em automutilações corporais e outras culminam em ruptura de objetos e/ou agressões violentas contra nós.

Crueldade em relação aos outros - convalidada por suportes sociais, encarnando discursos alienantes - como por exemplo na tortura; a matança de crianças; os horrores crematórios etc.⁵

Cada vez que nós, seres humanos, somos expostos a situações limites de desamparo, indefesos e propensos a atacar a vida individual ou coletiva, se reativam e se mobilizam as vivências inaugurais de desamparo e - como eu dizia - dos modos prévios de tramitação psíquica, pode desencadear-se a crueldade frente ao terror novamente. Tal vivência de desamparo inaugural vai ser misturada posteriormente no caminho de apropriação do universo simbólico, ao nosso reconhecimento de nossa condição de seres finitos-diferentes-discretos, condição da alteralidade (angústia da castração) e mortais. Mas esse trabalho de mistura ou entrelaçamento tem um problema, já que as representações iconográficas possuem na sua modalidade de inscrição como ícone, pouca possibilidade de deslocamento. São como representações fixas, como se fossem fotografias, reduzindo a possibilidade de sucessivas mediações ou encadeamentos de representações psíquicas.

Isto eu deduzo das respostas ou ações de alguns sujeitos que ficam postos em situações limites já mencionadas. Em especial, se tais situações são surpreendentes ou inesperadas para o sujeito ou se são prolongadas no tempo e sem esperanças de saída.

Continuando com essa caracterização geral da problemática que coloca o tipo de inscrição iconográfica, alguns outros sujeitos que conseguiram simbolizar em maior grau - pelas condições nas quais se desprende a sua vida prévia a tais condições limite - podem encontrar outras respostas frente a estas. E até opostas a qualquer forma de crueldade.

Mas, insisto: estas são características gerais; as vezes também nos surpreendemos com os outros e com nós mesmos e nem sempre negativamente.

As diferentes coletividades humanas, estão marcadas pelas paisagens e pelas condições sócio-econômicas em que habitam; e em que vão habilitando o seu sonho, seus mitos, as suas lutas pequenas e grandes, seus relatos e seus atos. Através de muitos aspectos desse conjunto de produções, também tentam expressar e elaborar seus terrores inaugurais e sucessivos das suas próprias vivências de desamparo.

Muitas vezes, tais coletividades humanas desprendem diversos modos de negação e/ou o desmentir da precariedade que atravessa o humano. Negação e/ou o desmentir da precariedade na qual nos coloca o desamparo, o estar indefeso; a morte, que cada sujeito encontra e reencontra na realidade de si, dos outros, do corpo e do mundo.

E não há que esquecer, além disso, que esta potencialidade de crueldade humana é utilizada para promover o terror de uns até outros, com o fim de garantir o domínio e a opressão.

Ao longo deste texto, tentei dar conta da crueldade que cada ser humano está no risco de efetivar, já que as condições para a sua realização estão inscritas na sua vivência desde cedo. Tenho considerado muito especialmente que tal crueldade não é só a possibilidade ou potencialidade de certas patologias, perversas ou outras, senão que se origina em todos a partir da vivência do desamparo. E que se articula ao longo da vida psíquica com diversas e complexas tramas ao desejo e seus avatares, avatares tais como a proibição e a culpa. Estes e muitos outros fios aqui estendidos ficam para continuar trabalhando. Já que está sendo realizado como parte de um projeto no qual há muito por percorrer.

¹ F. Nietzsche

* Tradução: Eduardo Trajano dos Santos

** Psicanalista argentina

². Não só são imprescindíveis os valiosíssimos aportes de outras disciplinas, que nos ajudam a entender diferentes dimensões da questão, abordando outros níveis de análises, senão que nos permitem e têm me permitido pensar melhor nos limites da minha própria abordagem. Nomearei somente alguns autores: Elias Canetti, George Steiner, Karl Marx, León Rozichner, Michel Foucault e uma longa lista de diversidade de enfoques e de linhas de pensamento. Assim também os escritos de Freud atinentes ao tema, como de outros psicanalistas (Bruno Bettelheim, Gilou Garcia Reinoso e outros, em especial os que trabalharam com traumatizados).

³. Além disso, a generalização que remete a uma essência última, impede uma diferenciação necessária de uma multiplicidade de fenômenos complexos ligados, neste caso, a algo tão amplo como é a destruição. Impõe-se um trabalho de minuciosa historicidade. os movimentos da história possuem protagonistas, não são abstratos, cada singularidade subjetiva historiza e se historiza na micro e na macro coletividade. Sem desconhecer que o faz a partir de condições materiais como são a natureza, o biológico e o marco sócio-cultural que a antecede.

⁴. Sigo os avanços de Piera Aulagnier em relação a suas conceptualizações sobre este registro.

⁵. As não-públicas, ou que raras vezes se fazem públicas: crueldades de pais com os filhos, professores com alunos, etc., também devem ser consideradas.